

**O YOGA NA CULTURA OCIDENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM
GUARABIRA-PB**

Maria Cristina Alves de Pontes.
(UFPB)
crystinapontes@hotmail.com

0. Notas introdutórias

A história cultural e social de um determinado lugar é, sobretudo, a história individual de cada ser humano em construção com seus semelhantes. É nesta perspectiva que atividades humanas fazem movimentar espaços urbanos, criando novos sentidos para objetos usados em grupos sócio-culturais diversos ao que originou tal utilização.

Entre tantos objetos culturais produzidos e utilizados pela humanidade, causamos curiosidade o percurso do yoga desde sua origem até chegar ao Ocidente, pois se trata de uma atividade que migrou de uma realidade histórico-sócio-cultural determinada e ganha espaço em praticamente todo o mundo, ultrapassando preconceitos religiosos. Pois sua origem apesar de ser Oriental, de princípios divergentes da orientação não-cristã, tem encontrado espaço no Ocidente, sobretudo nas cidades brasileiras de médio e grande porte que possuem um número elevado de Cristãos. Em tais cidades a busca do yoga acontece como alternativa de fugir do estresse cotidiano que atinge seus habitantes. Com esse intuito o presente trabalho se propõe a historicizar o percurso feito pela prática do yoga, desde os seus primórdios na Índia até a cidade brasileira de Guarabira, localizada no interior da Paraíba, a aproximadamente 98 Km da capital, cidade, cuja sua origem, há quem acredite, deu-se por uma motivação religiosa.

Na atualidade, sua população é, em sua maioria cristã, e mesmo assim há uma boa receptividade à prática do yoga. Neste sentido, ressaltamos nesta pesquisa, que a palavra yoga, em sua origem, é muito mais uma filosofia que uma prática, apesar de tratar-se de uma prática milenar, ligada a comportamentos e, sobretudo, modos de viver do povo oriental, logo distancia-se um pouco do pensamento cristão vivenciado pelo homem ocidental, chega ao ocidente com um novo significado- terapia alternativa, que

auxilia na melhoria de vida do ser humano. quer como aplicação, na sua compreensão mais preliminar, há aproximadamente 5000 anos Antes de Cristo; quer como filosofia, postulada por Patanjali. Para embasar a pesquisa, utilizaremos pressupostos teóricos tanto do Imaginário, como da História das cidades, quanto da Antropologia e da Sociologia.

1. Partida da Índia

Berço do Yoga, filosofia milenar, que traz no seu bojo um conjunto de preceitos que diverge de maneira significativa da nossa cultura, a Índia é um país localizado na Ásia do sul ocupando maior parte do subcontinente indiano e ainda as ilhas Laquedivas e Andamão e Nicobar. Seu nome oficial é República da Índia e tem como capital Nova Delhi. É o segundo país mais populoso do mundo e o sétimo maior em extensão.

Precursora das quatro principais religiões do mundo, a Índia trouxe até nós o hinduísmo, jainismo, sikhismo e o budismo. Além destas, no primeiro milênio da era cristã foram introduzidas outras religiões: o zoroatrismo, o judaísmo, o cristianismo e o budismo, que deram forma à diversidade cultural da região. Oitenta por cento de sua população é hindu, porém o país tem o segundo maior contingente de mulçumanos do mundo.

Escavações arqueológicas têm demonstrado a existência de civilizações muito antigas e avançadas, entre estas civilizações destaca-se o povo drávida que habitava o Vale do Indus, a Noroeste da Índia há mais de 5000 anos. A relevância destes povos para o presente estudo é exatamente contextualizar a origem do yoga, que surge inicialmente como dança pela arte de um bailarino drávida, o qual utilizava-se de movimentos instintivos e sofisticados para transmitir uma linguagem corporal que não era propriamente um ballet, porém era inspirado na dança.

A beleza, a suavidade e a expressividade de tais movimentos impressionavam a quem o assistira de tal maneira que todos pediam ao dançarino que ensinasse a técnica. Ao atender a estes pedidos, o mestre fazia eclodir a sensibilidade de quem desejava aprender o método, ainda inominado. Logo a transmissão do conhecimento foi

repassada e mesmo com a morte do mestre, os discípulos deram continuidade e assumiram o compromisso de transmitir, sem alterar ou modificar os ensinamentos do mesmo.

A um certo momento essa prática recebeu o nome de integridade, integração, união, que em sânscrito chama-se Yoga. O fundador de tal prática entrou para mitologia com o nome de Shiva, recebeu o título de Natarája, que significa Rei dos bailarinos. Para os Vedas, Shiva recebe o nome de Rudra, conhecido como o deus mais violento do que a visão que se tem atualmente dele, chegando a presidir as tempestades e a destruição, porém apresenta-se em sua outra polaridade como benevolente e justo. Segundo Revre, 2005, Rudra *...é um deus de vertigem, de obscura profundidade e da ilusão fulgurante de inquietude, de sabedoria, de morte e de libertação.*

A mitologia atribui a Shiva a origem do yoga. Mais tarde, Chopra e Simon (p.23, 2006) ratificam o aparecimento do yoga datado desse momento histórico, salientando a iluminação dos sábios, para a construção dos preceitos gerais dessa filosofia milenar, afirmando que

O yoga é um componente central do sistema abrangente da filosofia indiana conhecida como ciência védica. Os vedas têm raízes na civilização do Vale do Indus que remonta mais de cinco mil anos e representam a percepção poética dos sábios iluminados sobre as origens do universo e da evolução da vida.

Por volta do século V antes de Cristo, Maharishi Patanjali codificou o yoga detalhando por meio dos 196 sutras o que os Vedas já haviam citado sobre essa prática milenar. Desta forma, Maharishi Patanjali conseguiu, preservar o yoga clássico, evitando as deturpações ocorridas com a invasão dos arianos ao território indiano. Pois os Aryas ou Arianos, ao contrário da filosofia do yoga original era um povo guerreiro, místico e patriarcal. Tais características eram impostas por esses invasores ao povo que já tinha o yoga como filosofia de vida e possuíam, por sua vez uma cultura e uma civilização completamente diferente.

Com as grandes transformações do século XX e a globalização da cultura em nível mundial, o yoga foi ocidentalizado e mais uma vez deturpado, exercendo um papel utilitário, consumista, maçante e amorfo, por este motivo muitas pessoas pensam que o yoga é algo parado, que requer paciência, fugindo assim dos seus preceitos originais as suas oito divisões – *Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Pratyahara, Dharana, Dhyana e Samadhi*, que constituem juntamente com filosofias e religiões, cultuadas por esta civilização que traziam estes preceitos, como é o caso do Budismo.

Os *Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Pratyahara, Dharana, Dhyana e Samadhi* inicialmente tornaram-se modos de viver do povo indiano, o que já contrapõe-se à cultura Ocidental. Em outras palavras, para além da prática do yoga, numa visão mais, filosófica, o yoga tem um componente místico, inclusive de retidão de comportamento, que deve ligar-se ao essencial da vida.

Como conclui Chopra e Simon (p.39, 2006) esses estágios atuam como diferentes pontos de entrada para um sentimento expandido do eu por meio de interpretações, escolhas e experiências que nos fazem lembrar da nossa natureza essencial. Portanto isso é o yoga original.

2. Chegada a Guarabira

Em Dezembro de 2000, surge o começo de uma grande história. O aparecimento do yoga na cidade de Guarabira – Pb, a 98km da capital João Pessoa. Sua população é de 54.200 habitantes, segundo o censo 2007, IBGE¹.

Localiza-se na região fisiográfica do Agreste acaatingado (transição entre a caatinga e o brejo), o que equivale a microrregião homogênea do “Piemonte da Borborema” do Estado da Paraíba. Tem sua predominância religiosa cristã com o seu maior número de Católicos Romanos, em seguida Evangélicos, Espíritas e a presença de cultos Afro-Brasileiros.

¹ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Povo pacato, que tem o hábito de sentar na calçada, lembrando o passado através de suas histórias pessoais, e que muitas vezes se misturam as narrativas e os personagens ali presentes, trazem em si suas crenças, seus costumes, seus preconceitos, que fazem parte de uma micro-sociedade urbana, não teriam a noção que naquele lugar nasceria a prática do yoga.

Partindo desse ponto, buscaremos abordar o surgimento do yoga nesse município que ora tem essa filosofia implantada já faz nove anos. Tudo começou com um convite de uma senhora chamada Lourdes Limeira Lira, funcionária efetiva da UEPB - CAMPUS III GBA, acerca de uma palestra sobre yoga com o professor renomado José Hermógenes de Andrade até então desconhecido daquela platéia leiga no assunto. Seu discurso entrava em consonância com suas atitudes, pois aquele senhor de idade avançada, tinha um corpo perfeitamente sadio e sua energia era extremamente positiva. Os seus lábios mexiam-se numa perfeita sincronia com as palavras, palavras essas que entoavam como um cântico suave e profundo nas almas dos ouvintes.

Nesse sentido, Maffesoli (1998, p.148) afirma

... que os místicos, através da intuição, iam ao mais profundo de sua experiência humana, fosse a do amor, do sofrimento, da beatitude ou da morte. Todas essas coisas eles as viviam com intensidade.”

Hermógenes falava de amor, um amor recheado de sabedoria, um amor integral, mas ele foi humilde dentro do seu imenso conhecimento, relatando os efeitos do yoga na vida do ser humano e da sua própria experiência. Naquele dia, colocamos em prática toda teoria vista durante sua palestra em apenas duas horas de apresentação.

A sala de aula daquela instituição foi o lugar sagrado para a sua prática, prática esta que com movimentos rítmicos, combinados com a respiração, tornava cada postura perfeita, trabalhando os músculos e os órgãos de forma ordenada. O fluxo sanguíneo fluía com facilidade, o compasso dos batimentos cardíaco pulsava num ritmo diferente e

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

corpo começou a sentir os efeitos miraculantes daquela prática. Levou os presentes a experimentar algo que transcendeu a condição humana.

Para Da Matta (1997, p.45-6)

Essas possibilidades de transformação criam focos diferenciados, fazendo com que se possa viver como algo novo, excitante ou rotineiro, as diversas situações sociais. São elas também que inventam as modificações sociais que chamamos de “rituais” ou “extraordinárias” e se constituem, às vezes, nos pólos privilegiados de mudanças sociais duradouras e historicamente importantes.

Esse marco foi o ponto de partida da história do yoga na cidade de Guarabira, nessa ocasião o Professor apresentou aquela que seria a sua discípula -Patrícia Beltrão- para dar continuidade a essa prática milenar, pois seria formada a primeira turma. De instância continuou sendo na UEPB, para atender aos professores daquela instituição, abrindo também para as demais pessoas interessadas. Formou-se um grupo considerável.

Fazer parte dessa história, desde o início é algo como ser um ator, que vive intensamente cada ato, pois segundo Freund (1987, p.158) “os homens não são somente seres lógicos, ou mesmo psicológicos, porém sobretudo históricos.” Nós fizemos essa história. Houve uma aceitação significativa daquela prática que fazia parte de nosso cotidiano, com pessoas de idéias avançadas e abertas para receber essa filosofia.

O segundo local, para a prática foi na avenida principal da cidade D. Pedro II nº 459, que, em meio ao barulho de carros de propagandas, o silêncio interior era emergido e nada atrapalhava aquilo que seria um caminho de volta para uma introspecção individual.

A professora Patrícia Beltrão junto com o professor Hermógenes inaugurou aquele espaço e a *posteriore* formaria sociedade com Mônica Paulino de Medeiros, que seria sua sucessora, pois Patrícia foi morar em Natal, capital do Rio grande do Norte,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

cidade de nascimento do professor Hermógenes. Aquela casa seria então a representação de encontro de pares, pois como afirma Magnani (1996, p.39)

Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambigüidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica.

Desta forma, apesar de todo o caos que a rua onde estava localizada o espaço para a prática, o simbólico fazia com que o ambiente fosse, de certa forma, sacralizado, pela tentativa da instrutora juntamente com os alunos fazerem daquele lugar um espaço de vivências profundas daquela que era não apenas a pratica milenar, mas deveria tornar-se filosofia de vida.

Aconteceu em fevereiro no ano de 2005 o falecimento da professora Mônica Paulino de Medeiros, no vigor dos seus 40 anos, de um rompimento de um vaso no cérebro, esse episódio deixou os alunos órfãos, daquela que seria a professora mais amorosa e meiga com os seus alunos.

Três meses depois, Maria Cristina Alves de Pontes assume a turma e alguns novos alunos aderem à prática. Desta vez situada à rua João Pimentel Filho 321, no centro da cidade, espaço aberto até o presente momento. Amiga de Mônica, pois as duas fizeram o curso integral com a professora Cristina Abreu, uma das fundadoras do yoga na Paraíba, procuraram seguir o yoga clássico preservando a sua pureza e a sua riqueza espiritual, corroborada pelo conhecimento que essa filosofia propõe pois: segundo Maffesoli (2005, p.78-9)

“O sensível é fonte de riqueza espiritual, fortalece o corpo, mas, ao mesmo tempo, permite a plenitude do coração. Todos os sentidos estão presentes nessa harmonia, e é sua sinergia que engendra uma erótica coletiva, eros de

múltiplas faces, espécie de aura, de ambientes nos quais se banha a vida cotidiana. A história das idéias nos ensina que pode extrapolar essa observação, e reconhecer que é o conjunto da existência social que depende desses parâmetros.”

Fazer desses ensinamentos um opção de vida, é algo que contagia um número significativo da população guarabireNSE. E, apesar, dos princípios cristão, sobretudo, católico e tratar-se de uma cidade que, ao que tudo indica, nasceu de uma das manifestações do catolicismo, o yoga tem encontrado espaço nos mais diversos credos religiosos e tem tomado espaço, não só como prática, mas, sobretudo como filosofia de vida. Desta forma, a cultura Ocidental absorve, reconstrói e adapta a cultura indiana, sobremaneira, através da vivência do yoga no cotidiano, a seu modo de viver no mundo e tentar sair do caos tão estimulado pelas ideologias consumistas e massificadoras que se opõem à valorização do ser humano, do eu e do ser religioso que a pessoa busca alcançar.

Guarabira conta com espaço Yoga Shanti, que consegue reunir praticantes como os mais diversos credos religiosos e que percebem o yoga, não só como prática, mas como filosofia de vida que pode revitalizar as suas crenças e cultura, por este motivo, apesar da tradição católica seja maioria na cidade, é possível observarmos a reescolha da fé e do dogma, após a prática do yoga e a sua continuidade, não só no espaço reservado à prática, mas a realização no cotidiano do Namastê, pois mesmo se não se faz o gesto em todos os lugares, vemos uma tentativa de fazer o meu deus saudar o deus do outro.

3. Considerações finais

Na tentativa de historicizar o percurso que o yoga fez para chegar a Guarabira, deparamo-nos com reflexões não só histórica, mas principalmente de transformação cultural e de comportamento. Ou seja, é possível perceber as mudanças de comportamento, cultural, étnico e religioso, que permitem diminuir preconceitos diante

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

de uma cultura diferente da nossa e ressurgirem as virtudes já esquecidas pela concorrência tão apregoada pelo sistema capitalista. Porém a nossa reflexão não é também apenas cultural e relacionada às virtudes, mas perceber o contexto histórico em que se deu, em seus primórdios, na Índia, e refletir sobre sua atual situação em Guarabira;

Hoje somos uma realidade na cidade que é considerada a Rainha do Brejo, já faz nove anos, com isso aprimoramos e crescemos como pessoas, tanto fisicamente como moralmente e espiritualmente chegamos muitas vezes a experimentar o que cita Durand (2002, p.133) “A pureza celeste é, assim, a característica moral do levantar vôo” levantamos vôo e nossa alma como ser humano.” Houve uma melhora na nossa qualidade de vida, no nosso convívio com os demais e principalmente conosco mesmo.

Referências Bibliográficas

DURAND, Gilbert – **As Estruturas Antropológicas do Imaginário** – Introdução à arquetipologia geral 3ª Ed. São Paulo Martins Fontes, 2002.

FREUND, Julien - **Sociologia de Max Weber** 4.ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

DA MATTA, Roberto – **A Casa & a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAFFESOLI, Michel – **Elogio da Razão Sensível**. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

_____, - **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Lucca (orgs) – **Na metrópole- textos de antropologia urbanas**. São Paulo: EDUSPE, 1996.

CHOPRA Deepak; SIMON David – **As Sete Leis Espirituais da Ioga**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006